

## A edição da notícia na TV em função da transformação da tecnologia

Washington José de Souza Filho  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) /  
Universidade da Beira Interior (UBI)  
wasfilho@ufba.br; washington.filho@  
labcom.ubi.pt

### Resumo

A utilização da tecnologia digital estabeleceu transformações em relação ao jornalismo e a atuação do jornalista, entre as quais no processo de edição da notícia na televisão, com o uso do sistema digital de edição não linear. A utilização do sistema revela um processo de convergência, influenciada pela tecnologia, relacionada à face profissional. A edição da notícia na televisão é um procedimento marcado pela assimilação da linguagem do cinema, que impõe com a transformação determinada pela tecnologia a compreensão do papel desempenhado pelo jornalista, diante da possibilidade do estabelecimento de um protagonismo da sua atuação, com a alteração do perfil de trabalho. Esta é a questão que é colocada como a de maior importância, em consequência das modificações geradas pela tecnologia, em relação às mudanças nas rotinas de edição da notícia, com a implantação do sistema digital não linear.

*Palavras-chave: jornalismo televisivo – edição digital – perfil do jornalista – convergência profissional.*

A transformação promovida pela tecnologia estabeleceu modificações diversas em relação ao jornalismo, quanto à realização e a atuação dos jornalistas, em função da alteração do perfil de trabalho e da natureza das suas atividades. As mudanças, de uma forma geral, são compreendidas como uma consequência da presença da tecnologia, em relação à sua face digital. Uma transformação que é mais destacada em relação à televisão, um meio em que a operação e o trabalho dos profissionais têm vinculação direta com processos e procedimentos determinados pela tecnologia.

O ponto em questão, referência básica desta comunicação, é uma consequência deste quadro de transformação, uma consequência da tecnologia digital. Uma alteração que tem ocorrido em emissoras de várias partes do mundo. O uso da tecnologia digital, em função do desenvolvimento permitido pela indústria eletroeletrônica, com a associação aos recursos permitidos pela informática e a telecomunicação, estabeleceu o uso do computador como equipamento básico de trabalho nas redações, tem relação direta com esta mudança.

Esta comunicação é parte de um projeto de investigação,

realizado na Universidade da Beira Interior, em Covilhã, para a obtenção do doutoramento em Ciências da Comunicação, intitulado *A transformação da tecnologia: mudanças nas rotinas de edição da notícia em telejornais do Brasil e de Portugal*, com financiamento da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior), órgão do Ministério de Educação do Governo brasileiro.

### Introdução

A sua interligação em rede do computador, permitiu, progressivamente, a partir do início dos anos 1980 (Keirstand, 2005), a sua utilização para tarefas simultâneas de uma redação, do controle dos assuntos previstos para a realização da cobertura até o controle de operações para a exibição do programa de informação. O processo de informatização que atinge as redações promove a mudança do ambiente de trabalho, com o uso da tecnologia digital, e tem influência sobre a estrutura utilizada para a produção e realização dos programas e a atuação dos jornalistas.

A realidade permitida pela utilização das redações digitais (Pavlik, 2005; Brandés et al., 2002) é descrita como uma mudança significativa, em comparação com o formato mais antigo, chamado de “redação de película”. A denominação (Brandés et al., 2002:39) é uma referência à utilização do filme como suporte, mantida como designação mesmo com a mudança para a fita, a partir da metade dos anos 1970, que antecedeu ao uso do digital.

O funcionamento de uma redação digital é visto como uma garantia de maior eficácia e qualidade para o trabalho das empresas de comunicação e trabalho dos jornalistas. O marco do funcionamento de uma redação digital (Pavlik.,2005: 176) é 17 de abril de 1995, na KHNL-TV, de Honolulu, Hawai, com a integração das atividades para a produção e realização dos programas de informação”. A integração estabelece a possibilidade das realizações de diversas tarefas de um único ponto, o terminal de computador que corresponde ao ponto de trabalho de um profissional.

Da forma que é descrita (Brandés et al.,2002:pp-25-26), o controle permitido pelo uso do computador estabelece modificações em quatro grandes áreas de uma redação:

1. O jornalista contra todo o processo, inclusive o de edição, através da seleção das imagens adequadas, a redação do texto e a inclusão da narração;
2. A equipe técnica é reduzida, cabendo aos jornalistas mais funções;
3. Maior volume de produção, com a geração de edições para programas de informação diferentes e canais diferentes, além de versões diferentes para a mesma notícia. Uma condição que favorece a estrutura de produção de uma organização com meios diferentes,

como rádio, televisão e internet;

4. Automatização de todo o processo, durante a edição, o arquivamento e a exibição de cada reportagem.

Em um contexto em que a transformação da tecnologia tem uma importância determinada pela consequência que é verificada em relação às mudanças, como as destacadas, em relação ao jornalismo e ao trabalho do jornalista, a questão da edição da notícia nos programas de informação é destacada pelo o que representa em termos de ruptura de um paradigma – o estabelecimento da condição de operador do processo em relação à parte técnica, que nunca foi observada em relação à edição, o processo de definição da forma de apresentação da notícia (Wolf., 1987:217).

A compreensão da questão posta como a central impõe o reconhecimento do papel que é desempenhado pela edição, em relação à notícia na televisão. Estabelece a necessidade de identificar a sua origem, uma consequência da relação com o cinema, decorrente da assimilação pela televisão de uma tecnologia e procedimentos de outro meio, mantido como uma referência importante no seu processo de evolução técnica. A consideração desses aspectos é importante para o entendimento do estabelecimento desta nova condição – a participação do jornalista no processo de edição, de uma forma distinta da que ainda é reconhecida, como uma consequência da transformação da tecnologia.

#### 1. Edição: mudanças da rotina.

A questão relacionada ao uso do sistema de edição digital, vinculada à atuação do jornalista, é uma decorrência do padrão estabelecido, desde o surgimento da televisão, a partir da utilização de uma tecnologia adaptada do cinema. O padrão de procedimento em relação às diversas funções, incluída a tarefa de editar, a definição da forma de apresentação da notícia, restringiu a participação dos jornalistas, porque eram vistas como relacionadas à parte operacional, atividades técnicas.

As mudanças promovidas pela tecnologia, sucessivamente, a partir da substituição do filme pelo *videotape*, não modificaram esta concepção, mesmo a partir da presença do computador como equipamento básico de uma emissora de televisão, nas redações e áreas operacionais. A utilização do computador que estabelece uma série de novas questões, muitas delas ainda não avaliadas, sobre o que representa a utilização do sistema digital de edição.

As questões estão relacionadas ao uso do computador como equipamento básico do sistema de edição não linear. A instalação de componentes adequados, baseada em *hardwares* e *softwares*, própria para a natureza da atividade, permite a conjugação de funções e procedimentos de, pelo menos, três equipamentos

utilizados em uma emissora de televisão. Estes equipamentos que eram necessários à realização de procedimentos de edição, pós-produção e exibição, foram substituídos pela conjugação de todos eles em um computador.

As questões, decorrentes do uso do computador, podem ser sintetizadas em quatro. Elas envolvem aspectos relacionados à sua operação, quanto à capacitação e redefinição das funções, os procedimentos que pode realizar, com a reunião de tarefas de outros equipamentos, além do maior controle do processo, pela integração através de uma rede de dados.

A primeira questão, relacionada ao uso do computador como equipamento de edição, em substituição a uma ilha, usada no período de trabalho com o *videotape*, ou a uma mesa de montagem, como ocorria com o filme, está relacionada à capacidade de operação, do profissional responsável pela tarefa. O trabalho em um computador exige uma dinâmica própria, que estabelece dificuldades para a adaptação dos profissionais mais experientes. Iglesias (2009) relata que na Espanha, pela falta de capacitação para o uso do computador, eles foram substituídos por jovens com esta aptidão, e transformados em uma espécie de mestres dos mais novos, para compensar o desconhecimento que eles tinham sobre a linguagem audiovisual.

A segunda questão, relacionada ao trabalho desenvolvido para a elaboração da notícia, através da edição, é a possibilidade de ser feita por apenas um profissional. Uma condição que estabelece para o jornalista a ação em dois níveis, um já destacado - a orientação sobre a informação -, e o controle do processo, com a operação do equipamento. O jornalista, no caso o responsável pela elaboração de uma reportagem, pode ele mesmo ser o editor, outra contingência da integração à rede, de forma preliminar ou para a exibição.

O jornalista dispõe da opção de fazer uma edição prévia da notícia, em sua mesa de trabalho, no computador que utiliza, ou para a inclusão em um programa de informação. São alternativas que determinam a necessidade de entender aspectos sobre a velocidade, criatividade e variedade na edição da notícia no sistema não linear.

A terceira questão, relacionada aos procedimentos para a edição, envolve a utilização de um sistema de mais recursos, a partir da conjugação em um único equipamento das operações de edição, além de outras. Os computadores utilizados para a edição são específicos, com *hardwares* e *softwares* (Ohanian,1998) desenvolvidos para esta finalidade. A ampliação do uso de recursos é uma marca da edição, a partir da evolução dos equipamentos, mesmo na fase analógica, e no sistema linear.

A utilização do sistema não linear reconfigura o espaço de realização da atividade e o nível de intervenção no processo de edição, o que permite apresentar a quarta questão. A integração em rede facilita a edição fora de uma área específica de trabalho, ocorre em uma televisão. A prática está em uso por emissoras do Brasil e de Portugal, em especial, com os profissionais que trabalham fora dos seus países (Esperidião.,2007:6;Canelas.,2010:15). A disponibilidade na rede representa (Bandrés et al., 2002:27), a possibilidade de intervenção, o maior controle do processo. O acesso é feito de maneira direta, sem nenhuma intermediação, pela ação da direção dos telejornais.

O uso do computador é destacado como o aspecto fundamental das transformações promovidas pela tecnologia, em relação ao trabalho dos jornalistas e dos meios de comunicação, na elaboração e divulgação da informação. Uma alteração que é definida pela sua utilização, como descreve Micó (2008, p.104), relacionada ao seu funcionamento.

“Los modernos equipamientos digitales permiten montar las noticias, los reportajes o los documentales como se de un texto se tratase, discriminando y reordenando imágenes e sonidos con si fuesen palabras o frases de un escrito”<sup>1</sup>.

A autonomia que representa a participação do jornalista no processo de edição da notícia, sem a intermediação de outro profissional, valorizado pela capacidade técnica, corresponde à transformação ocorrida no cinema, a partir da década de 1940 (Villain, 1993). A mudança permite o reconhecimento do papel do diretor no processo de montagem, conduzido pelo produtor, nos Estados Unidos e em países da Europa, como a França.

No caso da televisão, na relação direta com o jornalismo, a expectativa é que a transformação promovida pela tecnologia estabeleça um padrão integrado à nova realidade do ambiente digital. No qual a condição gerada pela tecnologia admite a atuação do jornalista, sem a necessidade de uma intermediação.

A utilização do sistema não linear representa uma nova etapa do uso de suportes tecnológicos nos meios de comunicação, em relação à televisão. O uso do computador, através da associação entre a informática e a tecnologia da informação permite a integração da edição com outros processos de uma emissora de televisão, como a exibição da notícia, em função do uso de uma rede de dados.

O conteúdo pode ser compartilhado (Micó., 2006:12), o que não era possível com os outros suportes, sem a

1 “Os equipamentos digitais modernos permitem montar as reportagens e documentários como eram textos de um, discriminar e reorganizando imagens e sons com se fossem palavras ou frases escritas”.

repetição da ação de editar. O acesso ao conteúdo permite novas possibilidades para um produto de informação, em especial no ambiente que está configurado para a televisão com o sinal transmitido através da tecnologia digital.

A utilização da tecnologia determina o estabelecimento de uma linguagem específica (Manovich, 2011), que está relacionada ao surgimento de “novos meios de comunicação”. Eles dispõem de características determinadas pela forma de funcionamento, que tem o computador como o dispositivo mais importante, em função dos recursos permitidos pela tecnologia da informação, como a compressão de dados, a capacidade de armazenamento e a digitalização.

Manovich (2011) relaciona as características do meio digital como: representação numérica, modularidade, automatização, variabilidade e transcodificação. Estas características permitem que o novo meio agrupe as características dos antigos, se transformando em um meio único. Do ponto de vista da utilização do jornalismo, o trabalho em relação à forma de apresentação da notícia, esta mudança configura um novo processo, através do qual o jornalista pode desafiar uma condição que sempre foi colocada como restrição para a sua atuação, em consequência da relação da televisão com a tecnologia: a dimensão técnica.

## 2. A dimensão técnica da edição.

O trabalho do jornalista na televisão, em função da natureza do meio, tem uma influência direta da relação com a técnica. Ela é uma consequência da forma de operação da televisão, que estabelece a relação com diversos procedimentos para a produção e a realização dos seus programas, inclusive os de informação.

A prática, baseada no seu funcionamento com a tecnologia analógica, sempre foi a necessidade de outro tipo de profissional, sem o comprometimento do jornalista com tarefas como a apuração e realização de um fato, para a transformação em informação. O essencial é atuar na operação do equipamento necessário, no caso da edição, a partir da orientação do jornalista.

A edição como parte das rotinas produtivas do jornalismo, no caso da televisão, sofre a influência da adaptação das técnicas utilizadas pelo meio, assimiladas do cinema. A concepção adotada com a utilização do filme não foi alterada, mesmo a partir da utilização da fita magnética, com o desenvolvimento do *videotape*, a partir do fim dos anos 1950, porém adotado como padrão em televisões de várias partes do mundo, para o jornalismo, quase 20 anos depois, na década de 1970. Esta visão tecnicista é uma opção que tem sido assumida sem a busca da compreensão da especificidade da edição para a definição da forma da notícia, em relação à apresentação.

A predominância desta visão é refletida na forma

que este processo é encarado pelos jornalistas, serve como comprovação da influência dos procedimentos do cinema. A dimensão técnica da visão dos jornalistas, em relação à edição, é destacada, inclusive em obras ficcionais. Boccanera (1997) descreve a edição como uma tarefa realizada a partir das indicações do jornalista, sem a presença física dele. Uma condição, admitida em redações, quando o profissional adquiriu um status, que permite transgredir o limite dos constrangimentos organizacionais impostos pelas empresas, como é demonstrado quando faz referências à atuação de um repórter (Boccanera, 1997, p.70).

“Registrada a narração numa fita de vídeo, Alex [personagem que tem a função de repórter] passa as coordenadas genéricas para Cláudio [o editor de imagens], seleciona as frases de Saldanha [entrevistado] que interessam e deixa o editor sozinho. Cláudio é competente e não precisa de alguém ao lado lhe mostrando cada imagem a ser usada.”

A valorização da dimensão técnica no processo de edição, da forma verificada na ficção, evidencia como esta atividade é assimilada nas redações, a partir da impressão de que o essencial é fazer uma escolha de imagens. Em outro exemplo, encontrado na obra de Hailey (1990), *O jornal da noite*, é reforçada a impressão de que para editar o essencial é dominar os procedimentos técnicos. O destaque é para a noção de que um editor aprende a realizar a sua tarefa através da prática, com a repetição do trabalho (Hailey, 1990:273), com a evidência de que é uma tarefa que não depende de outro tipo de conhecimento, que não seja a capacidade de conhecer o sistema adotado para a realização do processo e os seus procedimentos.

Em outro tipo de publicação, relacionada com a atuação profissional, jornalistas que compreendem a forma de realização do trabalho de edição mantêm, da mesma forma, a valorização da capacitação técnica. A abordagem deles reflete a necessidade de uma adaptação para o trabalho como jornalista na televisão, principalmente os que tiveram a experiência inicial no jornalismo impresso, com a identificação do rigor que havia no trabalho de edição (Henning, 1996:100).

“Os alemães chegavam ao exagero de usar filme negativo, cujo processo de revelação demorava pelo menos o dobro do tempo, porque precisava ser revertido para uso em televisão. E depois, havia o trabalho de transferir o som gravado nas fitas magnéticas de áudio para filmes ópticos de 16 milímetros. Imagens e som iam para moviola, a máquina de montagem dos filmes, para serem manipulados e editados por moças de luvas brancas. Só depois de montada a reportagem na moviola, gravava-se o texto do repórter. A narração era feita

sobre as imagens e o som ambiente.”

A troca do jornalismo impresso pela televisão fez Arnett (1994: pp. 381-384) compreender a diferença no trabalho do repórter nos dois meios, em função da linguagem de cada um deles. O jornalista Peter Arnett, famoso pela cobertura de guerras em diversas partes do mundo, desde os anos 1950, compreendeu a partir da experiência de trabalho na televisão a importância que o recurso técnico tinha para a divulgação da informação.

“(…) o noticiário na televisão só era convincente na medida do que aparecia na tela. Assim eu estava começando a me acostumar com o novo meio de comunicação, compreendendo que no máximo eu era uma parte da tecnologia. (...) eu me apoiei na imagem para dar ênfase ao relato, dominando minha inclinação para a prosa descritiva. As imagens contavam a própria história”.

A edição da notícia na televisão ainda não ganhou uma avaliação que defina a dimensão do que representa como parte das rotinas produtivas, em especial em uma conjuntura atual, marcada pelas transformações determinadas pelo uso da tecnologia, com a integração de recursos da informática, da rede de telecomunicações, marcada pela presença da Internet, e da microeletrônica, com a ampliação e recursos dos equipamentos. O que o novo quadro estabelece é uma influência da tecnologia para o estabelecimento de um padrão, que permita reconhecer, em função da condição técnica, o papel desempenhado pela edição, com base na atuação do jornalista.

O ambiente que é constituído a constituição de um quadro de convergência. O entendimento sobre o este processo representa não pode prescindir do reconhecimento de que existe um conjunto de alterações, com consequências, principalmente, sobre o perfil e a atuação profissional de uma categoria específica: o jornalista.

### 3. Uma face da convergência.

O protagonismo do jornalista no processo de edição com o a utilização do sistema digital é uma questão importante, que não tem sido posta em relação à compreensão da transformação promovida pela tecnologia. Uma referência neste ambiente de mudanças é a convergência mediática, determinada pela presença da tecnologia digital (Quandt & Singer, 2009:130).

A convergência é um processo decorrente da rápida transformação dos meios de comunicação, com a integração deles em sistemas de informação. Esta observação evidencia uma realidade que marca o processo de atuação do jornalismo, contemporaneamente: de que o desenvolvimento da tecnologia retirou dos jornalistas o privilégio da definição sobre o que é notícia, da forma que tem sido entendida (Quandt & Singer, 2009). A referência

dos autores é uma consequência da utilização da internet, para a divulgação de informação, sem a necessidade de vínculo a uma organização jornalística.

A influência da transformação da tecnologia atinge a atuação dos jornalistas e dos meios de comunicação de diversas formas, a partir da noção do estabelecimento de uma sociedade em rede (Castells, 2011), em que a informação é considerada um elemento-chave, em função do que o conhecimento representa. O aspecto mais importante desta transformação é o que é definido como um processo de convergência, que representa (Lopes & Fariña, 2010) um novo modelo de organização e produção.

A definição de convergência tem dimensões diferentes, relacionado a quatro áreas de atuação de empresas, meios de comunicação e profissionais (Salaverria., 2010:32). A noção de convergência tem uma influência maior da dimensão tecnológica e marca o jornalismo neste momento de transformação, a partir do surgimento de novos hábitos e interesses pela informação do público no século XXI (Salaverria., 2010:28). A convergência tecnológica tem dimensões diversas, em relação aos meios de comunicação (Salaverria & Garcia Avilés, 2008:32).

As dimensões estabelecidas pela convergência têm gerado aspectos que estão relacionadas entre si, em relação à organização e a produção dos meios de comunicação. A convergência tecnológica gerou a utilização do sistema multiplataforma, baseado na vinculação entre os diversos meio de uma organização. A dimensão empresarial é a referência para o processo de concentração, com grupos com atuação em diversos segmentos da área de comunicação.

A dimensão profissional influencia a atuação das diversas categorias de trabalhadores, em particular os jornalistas, caracterizada pela polivalência (Scolari et al, 2008) e um processo de sentido duplo: a extinção e o surgimento de novas tarefas, como a necessidade de um profissional para controlar o funcionamento do sistema digital.

Noci (2010) e Scolari et al (2008) relacionam, em relação ao jornalismo televisivo, o surgimento, na Espanha, de um profissional específico, capaz de escrever, gravar e fazer a edição de imagens. Uma quarta dimensão é a que corresponde à produção de conteúdo, determinada pela multimedialidade (Salaverria., 2010:38), que está baseada na utilização de recursos diversos, comuns a meios como o jornal, o rádio e a televisão, em função dos recursos específicos de cada um, unificados na Internet – a hipertextualidade.

A caracterização da forma de polivalência dos jornalistas, de acordo com Micó (2006) é determinada pela forma de atuação. A polivalência pode ser mediática, temática e técnica. A questão que é definida como de maior

importância quanto à forma de avaliação do novo quadro corresponde à polivalência técnica (Aguado & Torres, 2010:135), “que incorpora ações do processo produtivo que eram de competência dos redatores, geralmente vinculadas a perfis ou tarefas profissionais em fase de extinção”<sup>2</sup>.

Fidalgo (2008:166) aponta as mudanças promovidas pela tecnologia, como uma das “novas questões” estabelecidas para o jornalismo, em relação à delimitação do seu espaço. Algumas das questões que emergem estão relacionadas a temas mantidos em relação ao campo e a atuação do profissional, revisitados pela nova conjuntura – a da convergência.

Os estudos sobre mídias digitais e a convergência tem um reconhecido pioneirismo no Brasil (Palacios & Noci, 2007). Um destaque ampliado pelo fortalecimento de ações institucionais, principalmente com a Espanha, por meio da organização de redes de pesquisadores, e, progressivamente, ampliado em relação a Portugal. A face profissional da convergência, porém, ainda é um tema ainda a ser descoberto através dos pesquisadores brasileiros, com o estabelecimento da sua dimensão neste processo de transformação promovida pela tecnologia.

#### Conclusão

A compreensão do processo de edição da notícia na televisão como uma questão decorrente da vinculação a este meio de procedimentos de referência técnica, influenciados pelas mudanças decorrentes da tecnologia, depende do estabelecimento de uma perspectiva para o seu reconhecimento. A partir da consideração de que as modificações ocorridas no jornalismo, e na televisão, foram estabelecidas através da presença da tecnologia, a busca deste entendimento está relacionado à forma de avaliar o quadro atual, uma decorrência do ambiente gerado pela tecnologia digital.

O primeiro aspecto para ser considerado é a observação de Garcia Avilés (2006), que indica a ocorrência desta adaptação à realidade, com maior facilidade, em emissoras de menor porte, utilizadas como “laboratórios”, para as de maior parte, de uma mesma organização. A constatação foi estabelecida por meio de um estudo realizado com os canais especializados em notícias da BBC, do Reino Unido, e da RAI, da Itália.

O estudo permitiu verificar que nas emissoras especializadas em notícias, os profissionais tinham uma atuação integrada à realização de todas as tarefas, notadamente a de edição, da forma que é admitida no processo de transformação das rotinas de trabalho, em função do uso da tecnologia. Um procedimento

2 O termo redator, da forma que é utilizada na Espanha, corresponde no Brasil ao de editor, relacionado ao jornalista que tem entre as tarefas a elaboração de textos para os programas de informação.

diferente do que era adotado nas emissoras generalistas, relacionadas às duas organizações analisadas, no Reino Unido e na Itália.

García Avilés (2006:83) indica, porém, o crescimento, a partir de 1996, do número de emissoras de países da Europa, que implantaram o funcionamento das redações digitais, com consequência da forma que tem sido relacionada para a atuação do jornalista. No caso da Espanha, este processo começou entre os anos 1998 e 1999. Um estudo realizado no fim dos anos 2000, por Noci (2010) reconhece a atuação do jornalista, de forma polivalente, nas empresas desenvolvidas no ambiente digital, através da figura designada como “redactor de ENG”, admitida por acordos de trabalho que reconheceram a acumulação de tarefas (Noci, 2010:231).

Outra investigação, mais recente (Bernal et al, 2013), realizada na mesma Espanha, constatou que apesar da intensificação da convergência através dos meios, a face profissional ainda é uma questão que depende, principalmente, da capacidade técnica e cultura dos jornalistas, em relação à transformação estabelecida pela tecnologia. A mudança do paradigma da forma de atuação dos jornalistas, notadamente, em relação ao protagonismo nos procedimentos relacionados à edição é um tema que merece uma consideração mais profunda, principalmente quantos aspectos relacionados à formação profissional, além da possibilidade de realização das tarefas, da forma que é admitida com os recursos permitidos pela tecnologia.

É importante, em função da realidade estabelecida com o novo ambiente de atuação do jornalista, a compreensão de que a tecnologia, ao modificar, o perfil profissional e em relação à forma de trabalhar, impõe a necessidade de outra concepção sobre a profissão e a capacidade. Ainda que exista em relação a este novo ambiente, dados de uma conjuntura social e econômica, que não podem deixar de ser reconhecidos.

## Referências

- Aguado, J., & Torres, M. (2010). Convergencias e nuevas rotinas profesionales: luces y sombras del periodista polivalente en las redacciones españolas. In García, X., & Fariña, X. (coords.). *Convergencia digital: reconfiguración de los medios de comunicación en España*. Santiago de Compostela (pp.129 -148). Universidade, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico.
- Arnett, P. (1994). *Ao vivo do campo de batalha – do Vietnã a Bagdá, 35 anos em zonas de combate de todo o mundo*. (A. Rodrigues, Trad.). Rio de Janeiro: Rocco. (Obra original publicada em 1994).
- Bandrés, E., García Avilés, J., Pérez, G. & Pérez, J. (2002). *El periodismo en la televisión digital*. Barcelona: Paidós.
- Bernal, A., Domingo, D., Iglesias, M., Masip, P., & Micó, J. (2013). Un día en la redacción digital. In Cabrera, M. (coord.). *Evolución de los cibermedios: de la convergencia digital a la distribución multiplataforma*. Madrid (pp.321-330). Editorial Fragua.
- Bocanera, S. (1997). *Jogo duplo*. São Paulo: Moderna.
- Canelas, C. (2010, novembro). Os processos de produção de conteúdos noticiosos na RTP. *Anais do III Seminário Internacional Media, Jornalismo e Democracia*, Lisboa, Portugal.
- Castells, M. (2011). *A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura* (A. Lemos, C. Lorga e Tânia Soares, Trad), Vol. 1 (4ª. ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Esperidião, M. (2007, agosto e setembro). A era do “kit correspondente”: tendências da cobertura internacional no telejornalismo brasileiro. *Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)*. Santos, SP, Brasil. Recuperado em 15 de janeiro, 2012 em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1175-1.pdf>.
- Fidalgo, J. (2008). *O jornalista em construção*. Porto: Porto Editora.
- García Avilés, J. (2006). Las redacciones de los canales “todos noticias” como laboratorio periodístico: los casos de BBC News 24 y Rainews 24. *Trípodos*, número 19 (pp.83-97).
- García, X., & Fariña, X. (coords.). (2010). *Convergencia digital: reconfiguración de los medios de comunicación en España*. Santiago de Compostela. Universidade, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico.
- Hailey, A. (1990). *O jornal da noite* (A Lemos & C. Sussekind, Trad.). Record: São Paulo. (Obra original publicada em 1990).
- Henning, H. (1996). *Via Satélite*. São Paulo: Globo.
- Iglesias, M. (2009). La edición en televisión(I): el poder secreto, nunca revelado, de un oficio mágico(I). *Envivo*, 222. Recuperado em 3 de setembro, 2011 em

<http://www.envivo.icrt.cu/tecnologia/222-la-edicion-en-television-i-el-poder-secreto-nunca-revelado-de-un-oficio-magico>.

Keirstand, P. (2005). *Computers in broadcast and cable newsrooms. Using technology in television news production*. Mahwah, NJ: LEA (Lawrence Erlbaum Associates).

Manovich, Lev. (2011). *El lenguaje de los nuevos medios de comunicación – la imagen en la era digital* (3ª. ed.) (O. Fontrodona, Trad.). Barcelona: Paidós. (Obra original publicada em 2001).

Micó, J. (2008). Ciberperiodismo e información em la TDT: similitudes y diferencias. *Trípodos* (pp. 101-117), 22.

Micó, J. (2006) *Teleperiodismo Digital*. Barcelona: Trípodos.

Noci, J. (2010). Antena 3: convergencia técnica centrada en la televisión y polivalencia redactores-cámaras. In García, X., & Fariña, X. (coords.). *Convergencia digital: reconfiguración de los medios de comunicación en España*. Santiago de Compostela (pp.223-231). Universidade, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico.

Ohanian, T. (1998). *Digital nonlinear editing – editing film and videotape on the desktop* (2th. ed.). Butterworth-Heinemann, MA: Focal Press.

O' Neill, D., & Harcup, T. 2009. News values and selectivity. In K. Wahl-Jorgensen & T. Hanitzseh (Eds.). *The handbook of journalism studies* (pp.161-174). Routledge: New York.

Palacios & Noci, J. 2007 (Eds.). *Ciberperiodismo: métodos de investigación – una aproximación multidisciplinar en una perspectiva comparada*. Salvador: Edufba.

Pavlik, J. (2005). El periodismo y los nuevos medios de comunicación (O. Fontrodona, Trad.). Barcelona: Paidós. (Obra original publicada em 2001).

Quandt, T., & Singer, J. (2009). Convergence and cross-platform content production. In K. Wahl-Jorgensen & T. Hanitzseh (Eds.). *The handbook of journalism studies* (pp.130-144). Routledge: New York.

Salaverria, R. (2010). Estructura de la convergencia. In García, X., & Fariña, X. (coords.). *Convergencia digital: reconfiguración de los medios de comunicación en España*. Santiago de Compostela (pp. 27-40). Universidade, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico.

Salaverria, R., & Garcia Avilés, J. (2008). La convergencia tecnológica en los medios de comunicación: retos para el periodismo. *Trípodos*, número 23 (pp.31-47).

Scolari, C., Micó, J., Guere, H., & Kuklinski, H. (2008). El periodista polivalente. Transformaciones el perfil del periodista a partir de la digitalización de los medios audiovisuales catalanes. *Zer*, vol. 13, n. 25 (pp. 37-60).

Villain, D. (1994). *El Montaje* (A. Martorel, Trad.).

Madrid: Ediciones Cátedra.

Wolf, M. (1987). *Teorías da comunicação*. (M. Figueiredo, Trad.). Lisboa: Editorial Presença. (Obra original publicada em 1985).